

A inserção dos portugueses no mercado de trabalho suíço*

*José Carlos Laranjo Marques***

1. Introdução

Nos anos que se seguiram à crise petrolífera do início dos anos 70, o contexto social e político da emigração portuguesa sofreu uma profunda transformação. Transformação essa que afectou decisivamente a evolução dos fluxos migratórios portugueses. A reestruturação industrial e a desindustrialização registadas na Europa Ocidental e a influência que estes desenvolvimentos estruturais tiveram nos mercados de trabalho nacionais levou os países industrializados da Europa a implementar políticas anti-imigratórias. Esta situação afectou, entre outros países, Portugal cujos principais países de emigração (França e Alemanha) fecharam as suas fronteiras antes de se encontrarem em funcionamento destinos novos e alternativos.

Somente a partir da década de 80 é que os emigrantes portugueses parecem encontrar um novo país de acolhimento: a Suíça. A intensidade do fluxo para este novo destino aliada à estagnação dos fluxos para os destinos anteriores fez com que este novo movimento migratório rapidamente ocupasse o lugar anteriormente ocupado pela França.

O presente artigo baseia-se na investigação realizada nos últimos anos sobre o fluxo emigratório português para a Suíça e visa apresentar alguns dos resultados relativos à inserção dos trabalhadores portuguesa no mercado de trabalho helvético. Neste âmbito procurar-se-á analisar se a inserção portuguesa no espaço económico do país de acolhimento foi o resultado da estrutura do mercado de trabalho suíço ou das condições criadas por fluxos imigratórios anteriores, ou se a incorporação económica dos portugueses na Suíça indica a existência de um processo de integração específico.

Como ficará claro através dos dados apresentados, a emigração portuguesa para a Suíça exemplifica a criação de um fluxo migratório tradicional com raízes nas assimetrias geo-económicas de ambos os países, composto por migrantes económicos com motivações tradicionais, objectivos específicos e "sonhos de retorno" e que foram economicamente incorporados no mercado de trabalho suíço como substitutos de imigrantes precedentes.

Antes de prosseguir importa, porém, apresentar, ainda que de forma sucinta, a evolução da emigração portuguesa para a Suíça.

2. A evolução do fluxo migratório português para a Suíça

Como mostra o Gráfico 1, o fluxo migratório português com destino à Suíça regista, desde 1969, uma evolução positiva, somente interrompida entre 1974 e 1975 e em 1983. Este crescimento prolonga-se até 1991, ano em que, devido à crise económica que atingiu a Suíça, se iniciou uma diminuição progressiva do fluxo de entradas de nacionais portugueses.

Apesar deste contínuo aumento, é possível identificar variações de intensidade neste fluxo migratório. Entre 1969 e 1977, o crescimento da emigração portuguesa processou a um ritmo lento (3,8%) e os números de entradas anuais só em 1972, 1973 e 1977, superaram o milhar. Num segundo momento (1978-1983), em resultado do baixo valor de entradas em 1978 e do

* Este artigo resulta de uma investigação mais ampla financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através do Programa PRAXIS XXI, cujo objectivo é estudar o movimento migratório português para a Suíça.

** FEUC / UCP - Leiria

aumento substancial em 1983, a taxa de crescimento apresenta o valor mais elevado de todo o período analisado (35%). A esta taxa de crescimento não corresponde, porém, o maior volume de entradas na Suíça (durante este período, elas alcançam um valor anual médio de, aproximadamente, 3.300 entradas). O terceiro momento (1984-1992) corresponde ao 'período áureo' da emigração portuguesa para a Suíça, no curso do qual entraram anualmente cerca de 13.400 pessoas portadoras de uma autorização de residência anual ou permanente. Neste período, os portugueses tornaram-se o segundo maior grupo de imigrantes a entrar no país logo a seguir aos ex-jugoslávicos. Dado que ao longo de todo este período as entradas se situam em níveis elevados, a taxa de crescimento (14,5%) não reflecte o verdadeiro alcance da evolução registada. Finalmente, após 1992 o fluxo migratório português para a Suíça sofre uma diminuição bastante acentuada e a taxa de crescimento anual apresenta, pela primeira vez, um valor negativo (-23% entre 1993 e 1997). Em rigor, o decréscimo começa a registar-se já em 1992, porém, neste ano o número de entradas é ainda tão elevado que justifica a sua inclusão no período mais intenso da emigração portuguesa para a Suíça.

A fase de maior afluência dos portugueses marca também uma alteração no tempo de permanência dos emigrantes. Assim, enquanto entre 1974 e 1983 os que saíram da Suíça representavam cerca de 45% dos que entraram durante o mesmo espaço temporal, entre 1984 e 1992 essa percentagem diminuiu para 32%.² Embora não se possa afirmar que os que regressaram entre os dois períodos sejam os mesmos que entraram durante esses períodos, é, contudo, de admitir que a emigração portuguesa adquiriu um carácter cada vez mais duradouro. Isto pode também ser confirmado pela importância crescente das entradas devidas ao reagrupamento familiar. Assim, enquanto no primeiro período 27% das entradas se ficaram a dever a esta razão, no segundo o reagrupamento familiar foi responsável por cerca de 45% das entradas. A reunificação familiar constitui, aliás, juntamente com a transformação da autorização de residência sazonal em não-sazonal³, uma das principais formas de entrada na Suíça, particularmente a partir de 1982. Entradas (Gráfico 2). Entre esta data e 1997 estas duas razões foram responsáveis por cerca de 75% do total de entradas. Se se tiver presente que a transformação da autorização de residência sazonal só é possível após a realização de 36 meses de trabalho durante um período de quatro anos consecutivos e que o reagrupamento familiar só é autorizado após a obtenção de um estatuto de residência mais duradouro, torna-se claro que a

¹ A utilização deste ano (e não o de 1968) deve-se ao facto ser o primeiro para o qual dispomos de dados relativos à saída de emigrantes portugueses da Suíça.

² Se não se considerar o ano de 1992, em que se registou um elevado número de saídas, a mesma percentagem diminuiu para 28%.

³ A política de imigração suíça tem por base a Lei Federal sobre a Permanência e Fixação de Estrangeiros (ANAG), aprovada em 26 de Março de 1931. Esta lei cria três categorias diferentes de estrangeiros de acordo com o tipo de autorização de estadia que lhe é concedida: trabalhadores sazonais, anuais e permanentes. Os trabalhadores sazonais são recrutados para os sectores ou profissões que manifestamente apresentam um carácter sazonal (sobretudo para os sectores da Construção Civil, Agricultura e Hotelaria). A sua estadia na Suíça não pode ser superior a 9 meses e não lhe é autorizada a mobilidade espacial e profissional, nem o reagrupamento familiar. A realização de 36 meses de trabalho na Suíça durante um período de quatro anos consecutivos, concede ao trabalhador sazonal o direito de requerer uma autorização de residência anual. Esta autorização tem que ser requerida todos os anos, estando a sua concessão dependente da situação económica e da situação do mercado de trabalho. Os trabalhadores anuais estão sujeitos ao princípio do favorecimento dos trabalhadores suíços, ou seja, no caso de um trabalhador anual concorrer com um trabalhador suíço (ou com um trabalhador permanente) para um emprego este último é preferido em detrimento do primeiro. Ao contrário do estatuto do sazonal, o estatuto de trabalhador anual já permite que o trabalhador mude de cantão ou de profissão e que traga a sua família para viver consigo. Os permanentes são os que após uma estadia ininterrupta de cinco ou dez anos (conforme a sua nacionalidade) adquirem uma autorização de estadia ilimitada. Os possuidores deste tipo de autorização têm no mercado de trabalho os mesmos direitos dos suíços, sendo considerados como parte integrante da força de trabalho suíça.

maioria das entradas anuais ou permanentes se realizaram (directa ou indirectamente) após uma sucessão de estadias temporárias de pelo menos um membro familiar. Esta constatação vem confirmar a ideia avançada por Baganha e Peixoto (1997: 25) de que a emigração sazonal portuguesa constitui uma emigração permanente potencial que só assume a primeira forma devido às leis de imigração do país de acolhimento. A importância dos sazonais na evolução da entrada dos anuais e permanentes justifica que se descreva brevemente o seu desenvolvimento.

Tal como os emigrantes anuais e permanentes, os sazonais também manifestaram uma evolução positiva até à década de 90, passando de cerca 23.700 entradas por ano, entre 1980 e 1983, para 40.700, entre 1984 e 1990 (Gráfico 3). Dado trata-se de uma categoria de residência que se encontra em estreita relação com a evolução do mercado de trabalho, a crise dos anos 90 fez-se sentir um pouco mais cedo sobre os sazonais do que sobre os anuais e os permanentes. Assim, verificou-se logo em 1991 uma ligeira diminuição do número de entradas de trabalhadores sazonais, diminuição essa que se tornou mais pronunciada a partir desse ano e se prolongou até 1997.

3. Incorporação dos portugueses no mercado de trabalho suíço

Em 1997, dos 136.311 portugueses portadores de uma autorização de residência anual ou permanente, 83.204 (61,0%) eram activos (representando, aproximadamente, 10% dos trabalhadores estrangeiros em território helvético) que se concentravam, sobretudo, nos sectores da Construção (17,6%) e Hotelaria e Restauração (24,8%).

A identificação dos principais sectores de inserção dos trabalhadores portugueses tem que ser complementada com a comparação da sua estrutura de emprego com a de outras comunidades imigrantes, de modo a responder à seguinte questão: a inserção dos portugueses no mercado laboral helvético foi o resultado da estrutura deste mercado de trabalho, ou será que essa inserção indica a existência de um processo de integração específico?

A tabela 1 apresenta os resultados da comparação da estrutura de emprego dos portugueses com a estrutura de emprego de outros dois grupos de imigrantes cuja entrada na Suíça precedeu historicamente a dos portugueses⁴. Os valores dessa tabela mostram de forma clara a existência de diferenças significativas nas estruturas ocupacionais dos diferentes grupos de imigrantes. Esta divergência é particularmente saliente entre os italianos e os espanhóis por um lado e os portugueses por outro, significando que, em 1997 por exemplo, aproximadamente, 30% e 20% dos trabalhadores portugueses ou, respectivamente, italianos e espanhóis teriam que mudar de profissão para que os portugueses apresentassem estruturas ocupacionais equivalentes às dos outros dois grupos de imigrantes.

⁴ Esta comparação apoia-se no cálculo do índice de dissimilaridade (ID) que permite medir o nível de afastamento ou ajustamento da estrutura socio-profissional de dois grupos de indivíduos. O índice de dissimilaridade de Duncan e Duncan (ID) mede a proporção de indivíduos de dado grupo que necessitariam de mudar de profissão para atingir uma distribuição profissional equivalente (Petsiméris, 1995). Trata-se de um índice de utilização frequente nos estudos sobre a segregação urbana de grupos minoritários (veja-se, entre outros, Duncan e Duncan, 1955; Arendt, 1984 e Massey e Denton, 1988). No entanto, dado que no seu cálculo não intervêm variáveis espaciais (como a área urbana e a densidade residencial), ele tem sido objecto de uma utilização mais vasta, através, por exemplo, da substituição das categorias geográficas por categorias profissionais (Petsiméris, 1995 e Golder, 1999).

Tabela 1

Matriz de Dissimilaridade entre Italianos, Espanhóis e Portugueses, 1982, 1991 e 1997 – Trabalhadores Anuais e Permanentes

	Italianos	Espanhóis	Portugueses	
Italianos	-	0,18	0,37	ID 1982 ID 1991 ID 1997
	-	0,17	0,32	
	-	0,14	0,33	
Espanhóis	-	-	0,23	
	-	-	0,19	
	-	-	0,23	

Fonte: Bundesamt für Ausländerfragen, vários anos

Embora esta tabela nos forneça informação importante sobre a distribuição diferencial dos diversos grupos de imigrantes (ou seja, sobre a segmentação do mercado de trabalho), ela não nos elucida sobre os sectores responsáveis pelos resultados apresentados. Para tal torna-se necessário olhar para as proporções de emprego dos vários grupos de imigrantes nos diferentes sectores económicos. A tabela 2 mostra precisamente a localização sectorial dos três grupos de imigrantes que têm vindo a ser considerados. É possível verificar que os italianos e, embora em menor grau, os espanhóis, não obstante uma forte concentração no sector industrial, apresentam uma distribuição sectorial mais diversificada do que os portugueses que se concentram particularmente na construção civil e na hotelaria e restauração (em 1997, 47,2% dos trabalhadores portugueses exerciam uma actividade nestes dois sectores).

A evolução da distribuição sectorial dos imigrantes originários de Portugal, Itália e Espanha indicia a existência de um processo de substituição dos últimos dois grupos de migrantes pelo primeiro⁵, ocupando este, juntamente com os ex-jugoslavos, as posições no mercado de trabalho deixadas vagas por aqueles⁶. Trata-se de um fenómeno que não é novo nem para a Suíça, nem para os emigrantes portugueses. Já na década de 60 a Suíça tinha assistido à substituição dos italianos pelos espanhóis (Doleschal, 1977) e durante a mesma década os portugueses que se dirigiam, sobretudo, para França foram substituir os trabalhadores italianos e espanhóis que apresentavam uma mobilidade profissional ascendente, ou que iam regressando ao seu país de origem.

Em suma, os dados apresentados apontam para uma concentração dos portugueses nos sectores do mercado de trabalho previamente ocupados por anteriores fluxos migratórios. É, porém, reconhecido que a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho (e não só) tem uma dimensão temporal (Werner, 1997: 3) que importa não negligenciar. Isto é, deve ter-se presente que estamos a comparar fluxos migratórios que se encontram em estádios diferentes de maturação e cuja distribuição pelos sectores económicos é influenciada pelo seu tempo de permanência na Suíça. Dada esta característica temporal torna-se necessário analisar a inserção dos portugueses no mercado de trabalho helvético numa perspectiva longitudinal, tentando diferenciar os aspectos da inserção no mercado laboral que se ficam a dever à 'juventude' do fluxo, dos aspectos indicadores de uma efectiva concentração em sectores de trabalho particulares. Tal será feito através da análise longitudinal de duas coortes de imigrantes que entraram pela primeira vez na Suíça, respectivamente, em 1981 e 1985 e que ainda se encontravam na Suíça em 1997.

⁵ Neste processo de substituição intervieram ainda os trabalhadores da ex-Jugoslávia. Porém, dado não dispormos de informação actualizada para este grupo de imigrantes optámos por não os incluir neste trabalho.

⁶ Tal é particularmente visível entre 1982 e 1991, uma vez que a recessão económica que atingiu a Suíça no início dos anos 90 veio limitar as oportunidades de mobilidade profissional dos diversos grupos de imigrantes e promover, mesmo, o regresso de muitos imigrantes.

Tabela 2

Localização sectorial dos Italianos, Espanhóis e Portugueses, 1982, 1991 e 1997 – Todos os estatutos de residência

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Italianos	1982	6.2	0.5	45.0	20.7	8.3	5.5	2.3	3.0	5.6	2.2	0.8
Espanhóis		4.9	0.4	29.9	35.0	2.7	14.2	2.3	2.2	8.5	3.7	0.6
Portugueses		3.4	0.5	15.0	28.2	5.1	32.4	0.7	0.7	7.8	1.8	0.1
Italianos	1991	4.6	0.5	41.0	17.4	12.4	5.1	3.4	6.0	7.1	1.9	0.7
Espanhóis		4.5	0.4	29.9	23.8	8.0	10.1	3.7	4.7	10.1	4.3	0.4
Portugueses		3.8	0.5	17.9	29.9	6.8	26.5	1.8	1.6	7.1	3.9	0.2
Italianos	1997	3.6	0.6	35.8	14.0	15.1	6.3	4.3	8.9	8.9	2.1	0.4
Espanhóis		3.9	0.5	28.2	16.8	10.5	9.4	5.3	8.0	12.5	4.3	0.4
Portugueses		4.1	0.4	18.3	20.4	9.8	26.8	2.5	3.4	8.8	5.6	0.0

Fonte: Bundesamt für Ausländerfragen, vários anos

Nota: 1=Agricultura, Silvicultura e Criação Animal; 2=Electricidade, Gás, Água e Minas; 3=Indústria; 4=Construção Civil; 5=Comércio; 6=Hotelaria e Restauração; 7=Transportes; 8=Bancos Seguros e Imobiliário; 9=Saúde, Educação, Investigação e Cultura; 10=Outros Serviços (serviços domésticos e limpezas); 11 Activos sem indicação de sector

Conforme se pode notar nos gráficos de fluxos apresentados em anexo, quer a coorte de 1981, como a de 1985 apresentam uma elevada mobilidade inter-sectorial que afecta, particularmente, os sectores da agricultura e da hotelaria e restauração. Com efeito, somente 25% e 30%, respectivamente, dos que entraram em 1981 para aqueles dois sectores aí permaneciam em 1991 (no caso da coorte de 1985 essas percentagens são, respectivamente, 28% e 43%). Entre 1991 e 1997 esta mobilidade inter-sectorial apresenta na generalidade, valores inferiores aos registados entre o ano de entrada e 1997. A baixa taxa de retenção entre o momento de entrada (1981 ou 1985) e 1991 e o subsequente aumento destas mesmas taxas entre 1991 e 1997 reforça a ideia de que a entrada dos portugueses em território helvético não se processa em concordância com a sua qualificação profissional, mas sim segundo as oportunidades existentes no mercado de trabalho suíço, dando-se posteriormente uma re-fixação sectorial dos imigrantes segundo a sua especialização profissional inicial⁸. No que se refere à construção civil é possível verificar que se trata de um sector com taxas de retenção significativamente mais elevadas do que os outros dois sectores referidos (para ambas as coortes e nos dois momentos de análise elas situam-se em torno do 70%). Tal significa que a construção civil tem não só uma maior capacidade de manter um número considerável de portugueses como consegue ainda exercer uma capacidade de atracção sobre aqueles que entraram noutros sectores em 1981 e 1985. Adoptando o mesmo raciocínio aplicado aos outros dois sectores, poderíamos justificar estas elevadas taxas de retenção por uma maior convergência entre a qualificação profissional inicial e a profissão exercida⁹.

4. Conclusão

Os anos 80 marcam uma transformação significativa nos movimentos migratórios portugueses, caracterizada pelo declínio do fluxo migratório

⁷ Com efeito, as taxas de retenção para a coorte de 1981 sobem para 55% no caso da agricultura e para 59% no caso da hotelaria e restauração. Para a coorte de 1985, elas sobem para 41% e 48%, respectivamente.

⁸ Agradeço ao Prof. Dr. Rui Santos o facto de ter chamado a minha atenção para esta hipótese.

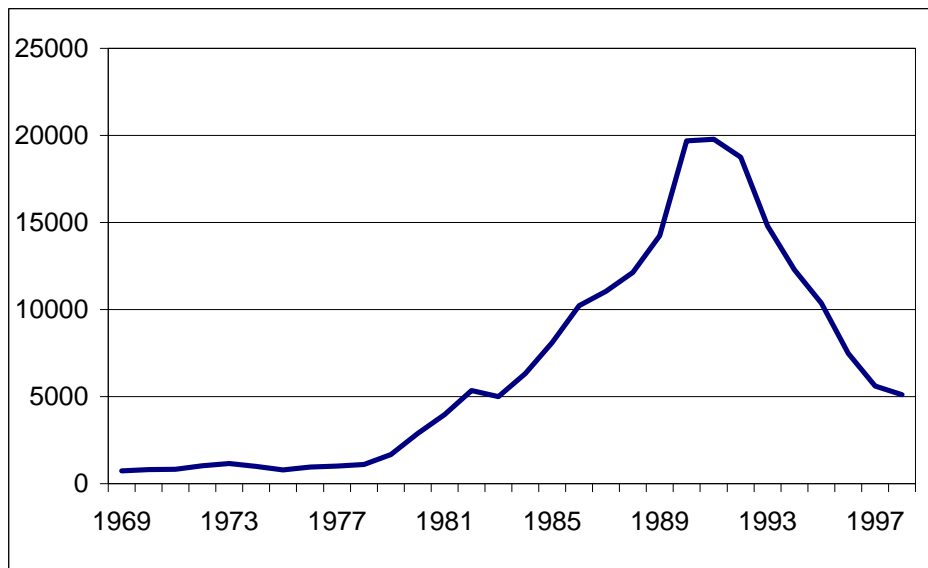
⁹ Trata-se, aliás, de um raciocínio que encontra um suporte adicional se, com base nos dados do Recenseamento suíço, calcularmos as taxas de concordância entre a profissão exercida e aprendida pelos portugueses para cada um destes sectores. Para 1990, estas taxas foram de 3,8% para o sector agrícola, 4,8% para o sector hoteleiro e 15,7% para o sector da construção civil.

dominante durante a década de 60 e inícios da década de 70 e pelo desenvolvimento de um outro que rapidamente assume o lugar anteriormente ocupado por aquele.

A análise realizada neste artigo permite-nos concluir que a inserção dos trabalhadores portugueses no mercado de trabalho suíço segue um padrão semelhante ao registado nos anos 60 na França. Isto significa que a sua ocupação é, sobretudo, o resultado da segmentação do mercado de trabalho helvético e da perda de atractividade do sector de trabalho secundário não só para a população autóctone, mas também para a população estrangeira que anteriormente ocupava essas posições. No entanto, como foi demonstrado ao longo deste trabalho, as opções de emprego inicialmente limitadas (resultantes, sobretudo, das determinações impostas pelo estatuto de entrada sazonal – cf. nota 3) dos emigrantes portugueses que se dirigiram para a Suíça não resultou na sua concentração em sectores de emprego ou nichos económicos específicos. À semelhança com o que sucedeu com outras comunidades de imigrantes, os portugueses apresentaram uma mobilidade de emprego que procedeu informada pelo seu tempo de permanência em território helvético e pelas consequentes melhorias no seu estatuto de residência, criando, deste modo, o espaço necessário para o recrutamento de mais trabalhadores estrangeiros para preencher as posições que vão sendo abandonadas pelos imigrantes mais antigos. Nos últimos anos estes têm sido recrutados sobretudo em Portugal (por exemplo, em 1998 entraram na Suíça aproximadamente 5000 portugueses detentores de uma autorização de residência anual ou permanente e cerca de 16000 trabalhadores sazonais).

Gráfico 1

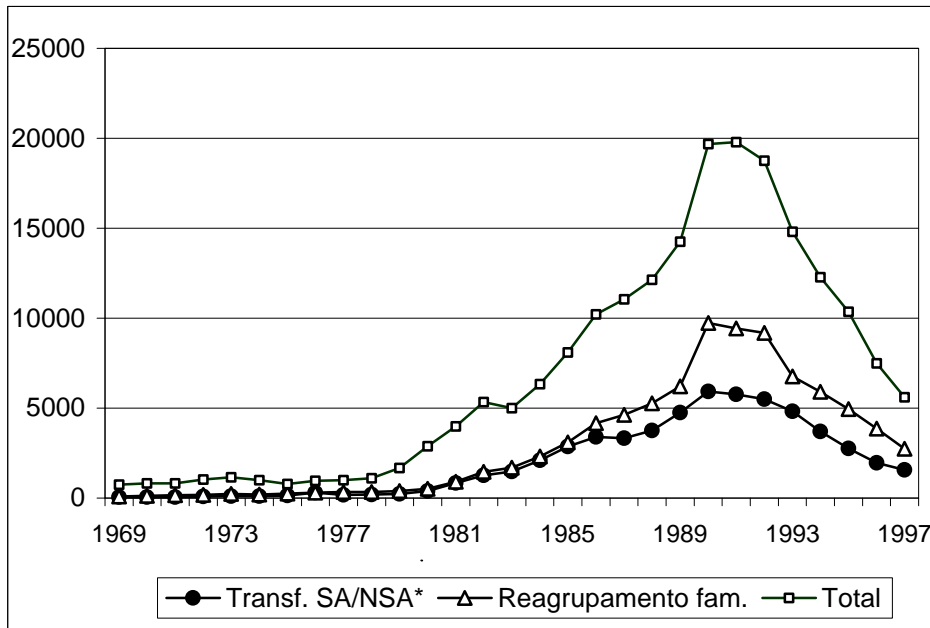
Entrada de Portugueses com autorização de residência anual e permanente, 1969-1998



Fonte: Bundesamt für Ausländerfragen, vários anos

Gráfico 2

Entrada de Portugueses com autorização de residência anual e permanente segundo o motivo de entrada, 1969-1998

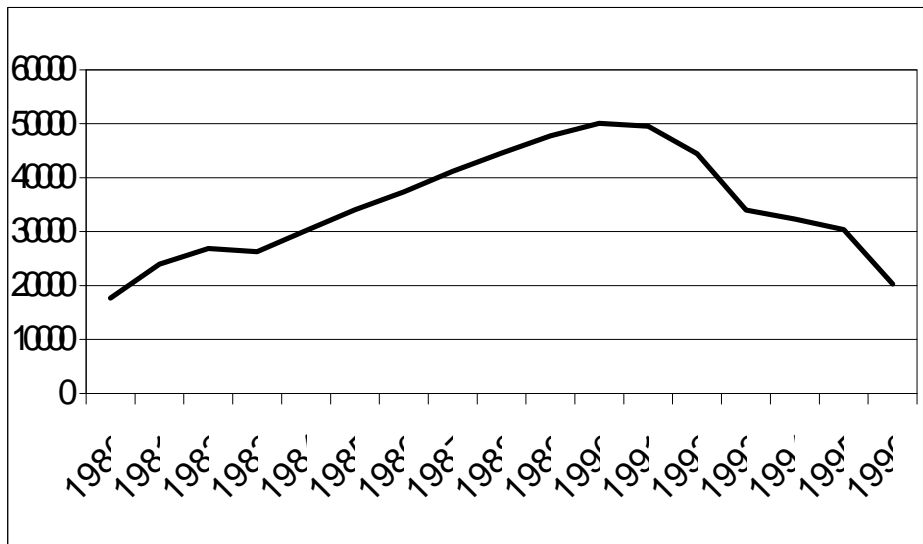


Fonte: Bundesamt für Ausländerfragen, vários anos

Nota: * Transformação de autorização de trabalho sazonal em autorização de residência anual ou permanente

Gráfico 3

Entrada de portugueses com autorização de residência sazonal, 1980-1996

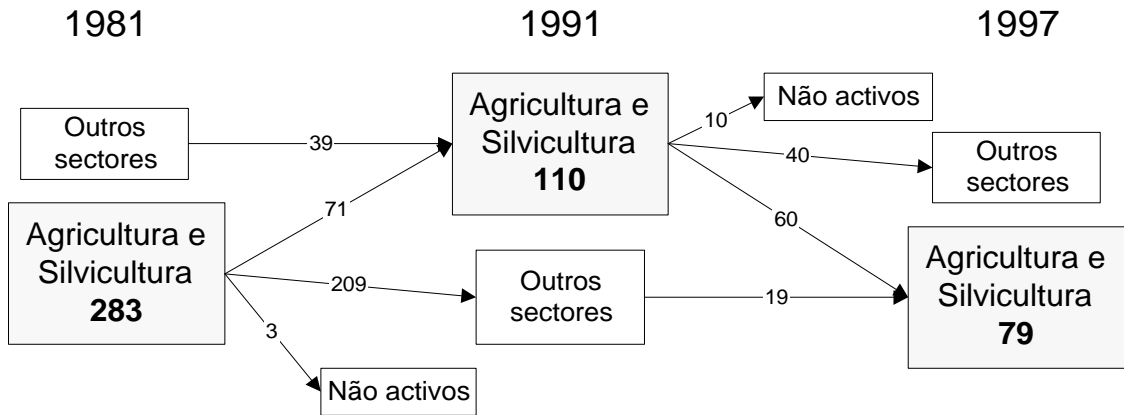


Fonte: Bundesamt für Ausländerfragen, vários anos

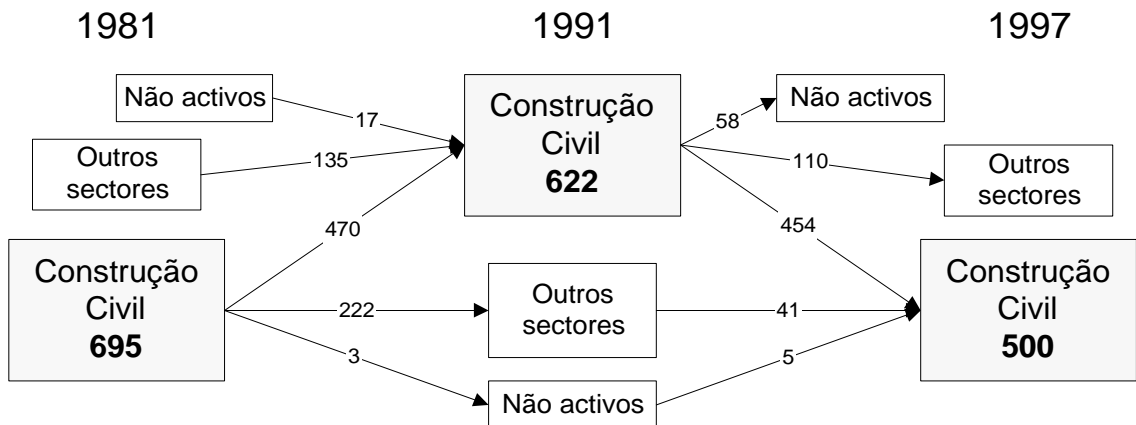
Diagrama de fluxos 1

Mobilidade Sectorial da coorte de 1981

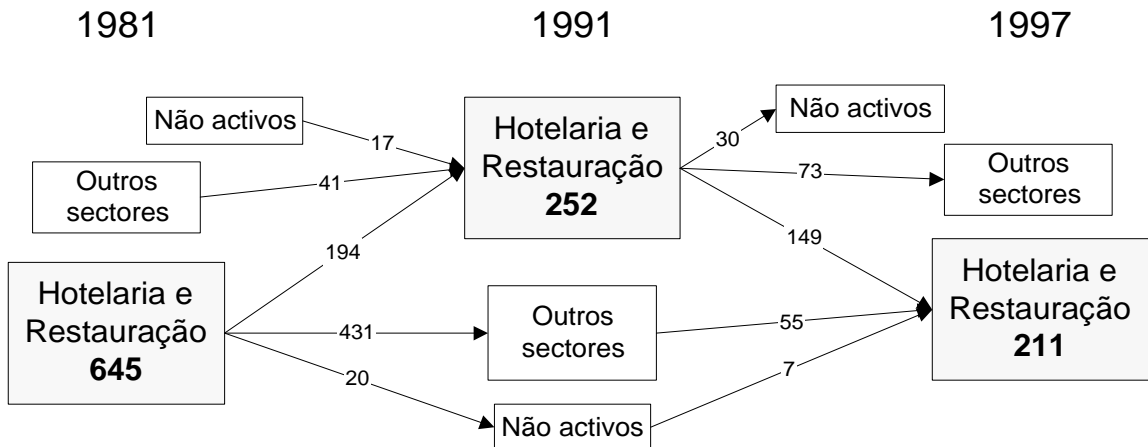
Agricultura e Silvicultura



Construção Civil



Hotelaria e Restauração

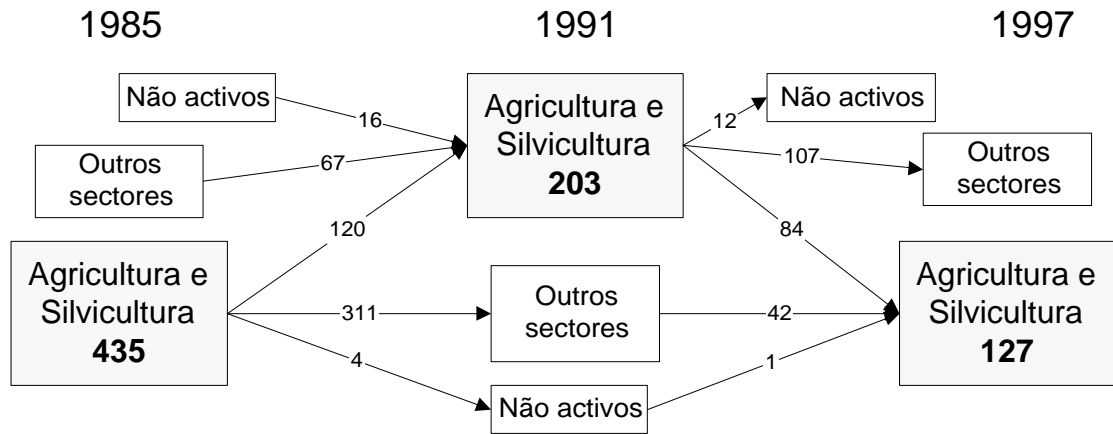


Fonte: Cálculos do autor com base em dados do Bundesamt für Ausländerfragen

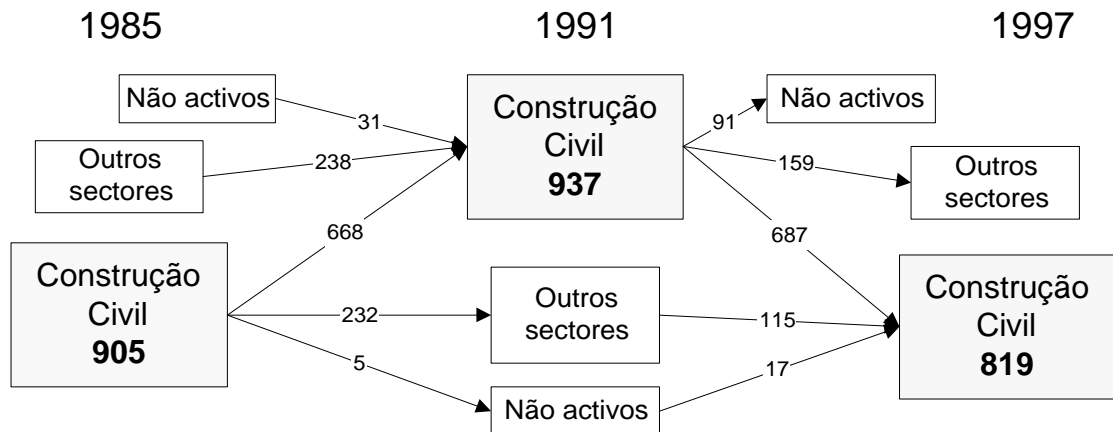
Diagrama de fluxos 2

Mobilidade Sectorial da coorte de 1985

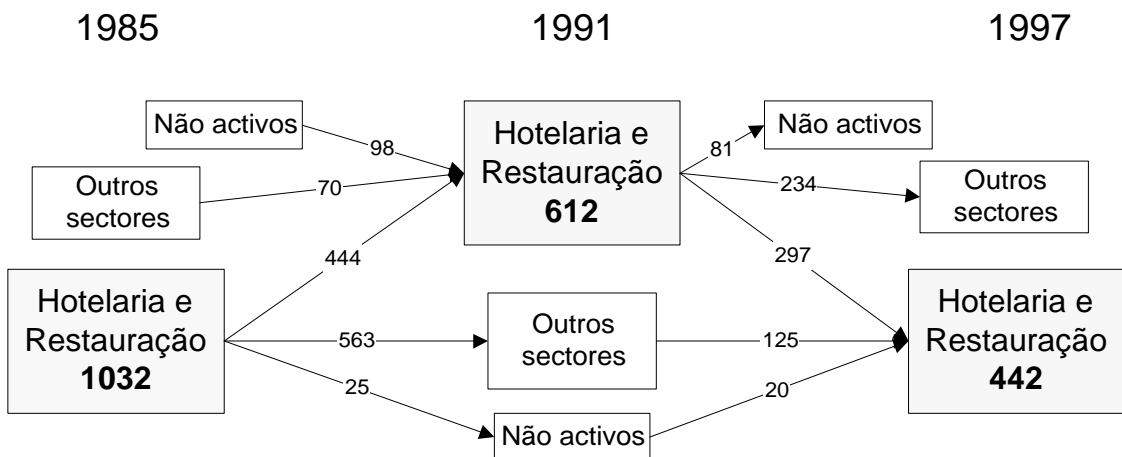
Agricultura e Silvicultura



Construção Civil



Hotelaria e Restauração



Fonte: Cálculos do autor com base em dados do Bundesamt für Ausländerfragen

Bibliografia

Arendt, 1984, "Segregation zwischen Schweizern und Ausländern in der Stadt Zürich", *DISP*, nr. 75, pp. 31-35.

Baganha, Maria Ioannis B., 1992, "Principais Características e Tendências da Emigração Portuguesa", in APS (org.), *Estruturas sociais e desenvolvimento*, Actas do 2º Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Fragmentos, vol. I, pp: 819-835.

Baganha e Peixoto, 1997, "Trends in the 90's: The Portuguese Migratory Experience", in Maria Ioannis Baganha (ed.), *Immigration in Southern Europe*, Oeiras, Celta, pp. 15-40.

Dhima, Giorgio, 1991, *Politische Ökonomie der schweizerischen Ausländerregelung*, Zúrique, Verlag Rüegger.

Doleschal, Josef, 1977, *Das Problem der ausländischen Arbeitskräfte in der schweizerischen Arbeitsgeberpolitik der Nachkriegszeit*, Berna, Peter Lang Verlag.

Duncan Otis D. e Duncan, Beverly, 1955, "Residential Distribution and Occupational Stratification", *American Journal of Sociology*, vol. 60 (5), pp. 493-503.

Golder, 1999, "Earnings discrimination and occupational segregation in Switzerland: An empirical analysis for first generation immigrants", Paper preparado para a "European Research Conference – European Societies or European Society? Migration and inter-ethnic relations in Europe", Obernai, 23 a 26 de Setembro.

Marques, José Carlos Laranjo, 1997, "A emigração portuguesa para a Suíça", Dissertação de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Massey, Douglas S. e Denton, Nancy A., 1988, "The Dimensions of Residential Segregation", *Social Forces*, vol. 67 (1), pp. 281-315.

Petsiméris, Pétros, 1995, "Une méthode pour l'analyse de la division ethnique et sociale de l'espace intra-métropolitain du Grand Londres", *L'Espace Géographique*, 2, pp. 139-153.

Piore, Michael J., 1979, *Birds of Passage. Migrant labor and industrial societies*, Cambridge, Cambridge University Press.

Werner, Heinz, 1997, "Integration of foreign workers into the labour market – the labour market position of migrants and nationals in some EU countries", Comunicação apresentada na conferência "Managing Migration in the 21st Century", Hamburgo, 28 e 29 de Abril.